



**II Congresso Internacional
sobre
Património Industrial**

2014
22 - 24 Maio

**PATRIMÓNIO, MUSEUS E TURISMO INDUSTRIAL:
UMA OPORTUNIDADE PARA O SÉCULO XXI**

FICHA TÉCNICA | COPYRIGHT PAGE

EDITORES | EDITORS

Eduarda Vieira – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) / Escola das Artes / Universidade Católica Portuguesa | Research Center for Science and Technology of the Arts / School of Arts / Portuguese Catholic University

José Manuel Lopes Cordeiro – Associação Portuguesa para o Património Industrial (APPI) | Portuguese Association for the Industrial Heritage / The International Committee For the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH - Portugal)

COMISSÃO CIENTÍFICA | SCIENTIFIC COMMITTEE

Eduarda Vieira (APPI / TICCIH-Portugal e UCP / EA – CITAR-UCP)

Elisa Calado Pinheiro (Universidade da Beira Interior)

Francisco da Silva Costa (Universidade do Minho)

Gonçalo Vasconcelos e Sousa (UCP / EA – CITAR-UCP)

José Manuel Brandão (APPI / TICCIH-Portugal e CEHFC da Universidade de Évora)

José Manuel Lopes Cordeiro (APPI / TICCIH-Portugal e Universidade do Minho)

José Maria Amado Mendes (Universidade de Coimbra e Universidade Autónoma de Lisboa)

Laura Castro (UCP / EA – CITAR-UCP)

Leonor Medeiros (APPI / TICCIH-Portugal e Michigan Technological University)

Maciel Morais Santos (APPI / TICCIH-Portugal e Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Manuel Ferreira Rodrigues (Universidade de Aveiro)

Maria Eugénia Santos (Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Tecnologia do Barreiro)

Paulo Oliveira Ramos (Universidade Aberta, Lisboa)

Rui Aballe Vieira (APPI / TICCIH-Portugal e IHC da FCSH / Universidade Nova de Lisboa)

Rui Maneira Cunha (APPI / TICCIH-Portugal e IHC da FCSH / Universidade Nova de Lisboa)

SECRETÁRIA DE EDIÇÃO | ASSISTANT EDITOR

Ângela Monteiro

DESIGN EDITORIAL | EDITORIAL LAYOUT

Ângela Monteiro (**Website**)

IMAGEM DA CAPA | COVER LAYOUT

Fornos *Babcock&Wilcox* | *Babcock&Wilcox* industrial Oven

Crédito Fotográfico: Estudio Novais / Fundação Calouste Gulbenkian

DATA | YEAR: 2017

ISBN: 978-989-20-7252-4

EDIÇÃO, PROPRIEDADE E REDACÇÃO | PUBLISHER AND EDITORIAL OFFICE

Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) / Escola das Artes / Universidade Católica Portuguesa | Research Center for Science and Technology of the Arts / School of Arts / Portuguese Catholic University. Associação Portuguesa para o Património Industrial (APPI) | Portuguese Association for the Industrial Heritage.

Os conteúdos e opiniões publicadas nestas actas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflectem a opinião dos editores e da Comissão Científica. | Authors are solely responsible for all views and opinions contained in these proceedings, which do not necessarily represent those of the Editors and of the Scientific Committee.

OS MOSTRUÁRIOS DA FÁBRICA DE CERÂMICA DAS DEVESAS (V.N.GAIA - PORTUGAL)

THE SHOWCASES OF THE FÁBRICA DE CERÂMICA DAS DEVESAS (V.N.GAIA - PORTUGAL)

Francisco Queiroz

CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

RESUMO

Nesta comunicação, abordamos o modo como a Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devesas se serviu dos seus edifícios - fabris, ou complementares à actividade fabril - para expor os produtos. Em mostruários mais ou menos formais, contemplando azulejaria e outros artefactos decorativos para arquitectura, a fábrica assumiu a sua aposta numa estratégia publicitária agressiva, que muito ajudou a catapultá-la a um nível não igualado pelas fábricas concorrentes. Alguns dos mostruários, há muitas décadas que desapareceram. Outros, têm sido delapidados em anos recentes, apesar do seu elevado valor histórico, patrimonial, documental e até estético. Além de examinarmos os referidos mostruários, fazemos um ponto da situação sobre a situação actual dos que subsistem.

Palavras-chave: Cerâmica; Devesas; Azulejo; Século XIX;

ABSTRACT

In this paper, we discuss how the ceramics factory and foundry of Devesas used its buildings - manufacturing or complementary ones - to publicize their products. In more or less formal showcases, contemplating tiles and other decorative artefacts conceived for architectural purposes, the factory took his bet on an aggressive advertising strategy, which helped to catapult it to a level unmatched by competing plants. Some of the showcases disappeared many decades ago. Others have been depleted in recent years, despite its high historical, documental and even aesthetic value. In addition to examining these showcases, we report the current situation of those that still remain.

Keywords: Ceramics; Devesas; Tiles; 19th century;

INTRODUÇÃO ¹

A história da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devesas confunde-se com a biografia de António Almeida da Costa, que se instalou no Porto, provavelmente, no início da década de 1850, como canteiro de mármore. Em 1858, António Almeida da Costa abriu oficina própria na Rua do Laranjal, onde executaria sobretudo monumentos sepulcrais. Entretanto, recorreu aos serviços de modelação do jovem artista José Joaquim Teixeira Lopes, que denotava especial talento para conceber figuras em barro.

Em meados da década de 1860, António Almeida da Costa arriscou um negócio de produção de cal, fabricada no sítio das Devesas, em Vila Nova de Gaia. Pouco tempo depois, terá optado por transformar esse negócio numa fábrica de artefactos cerâmicos para aplicação em edifícios e para decoração de jardins, com a colaboração de José Joaquim Teixeira Lopes na parte artística.

Em 1870, a Fábrica de Cerâmica das Devesas confinava-se ao que é hoje o chamado quarteirão norte e, em 1874, António Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes e Feliciano Rodrigues da Rocha (conterrâneo de António Almeida da Costa, canteiro e seu antigo colaborador), firmaram a constituição de uma sociedade, à qual competia dirigir, quer o estabelecimento fabril cerâmico nas Devesas, quer a oficina de mármore no Porto. Em 1880, é alterado o modelo da sociedade. Apesar disso, até 1903, António Almeida da Costa continuou associado a José Joaquim Teixeira Lopes e a Feliciano Rodrigues da Rocha.

Numa primeira fase, o complexo industrial das Devesas, em Vila Nova de Gaia, foi uma extensão da oficina de cantarias de António Almeida da Costa, no Porto. A título de exemplo, as mais aparatosas capelas tumulares executadas na oficina do Porto podiam ser ornadas com estátuas ou vasos em cerâmica saídos da fábrica de Gaia.

¹ Esta introdução resume um texto que elaborámos para a ficha de inventário sobre a Fábrica de Cerâmica das Devesas, no âmbito do projecto "Repertório Fotográfico e Documental da Cerâmica Arquitectónica Portuguesa (2007-2011)", do Instituto de Promoción Cerámica (Castellón, Espanha), projecto esse que tivemos também o prazer de coordenar.

Ao início, as estátuas e vasos eram também ocasionalmente executados em cantaria. Porém, foram depois sendo executados quase exclusivamente em cerâmica, uma vez que tal processo possibilitava a produção em larga escala. Após a criação da secção de fundição no seu complexo fabril de Vila Nova de Gaia - que terá sucedido entre 1881 e 1884 - António Almeida da Costa passou a ser o único industrial do Porto com capacidade para construir uma capela sepulcral com guarnições não pétreas inteiramente produzidas nas suas oficinas.

Esta era uma grande vantagem relativamente à concorrência, pois todas as oficinas do complexo fabril liderado por António Almeida da Costa promoviam-se mutuamente, funcionando como uma concentração horizontal – a mais notável que alguma vez existiu em Portugal em termos de artes industriais (PORTELA / QUEIROZ, 2008). Porém, não foi apenas a estratégia de concentração empresarial, um dos grandes méritos de António Almeida da Costa e dos seus sócios. Destaquemos ainda outros factores: a inteligente associação entre a arte e a indústria; a adaptação do gosto às tendências da época; a habilidade empresarial; a boa qualidade do equipamento industrial e a eficiência dos edifícios fabris; o posicionamento junto a importantes estações ferroviárias; a formação técnica e artística dos operários [até porque algumas máquinas do complexo das Devesas foram inventadas pelos seus mestres fabris, e a fábrica chegou a deter escola própria]; a variedade e qualidade dos modelos e a versatilidade da produção [pois estes podiam ser passados não só à cerâmica, como à pedra ou ao ferro fundido]; e, finalmente, o recurso à publicidade, em que os mostruários, formais ou informais, foram uma importante componente (DOMINGUES, 2003).

No catálogo de 1910 - o mais conhecido da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devesas - surgem mencionados para cima de mil artefactos: bustos, estátuas, grupos, louça sanitária, estuques, materiais de construção, artigos em grés, canalizações, mosaico hidráulico, azulejo, serralharia, fundição e cantarias. Para além de tudo isto, as diversas oficinas da sociedade António Almeida da Costa & Companhia fabricavam ainda qualquer tipo de peça por encomenda, nas áreas supramencionadas.

A boa fama dos produtos foi certificada pela presença em exposições nacionais e internacionais, onde a Fábrica de Cerâmica das Devesas obteve várias medalhas e elogios, nomeadamente uma medalha de prata na célebre Exposição Universal de Paris, em 1900.

OS PRIMITIVOS MOSTRUÁRIOS

No actual estado da arte, torna-se extremamente difícil saber como evoluíram os mostruários da Fábrica de Cerâmica das Devesas. Supomos que, desde cedo, haveria pelo menos um na já desaparecida Rua do Laranjal, no edifício onde funcionou a primitiva oficina de mármore de António Almeida da Costa, visto este edifício ter sido subsidiário da fábrica (e vice-versa) e ter funcionado como depósito da mesma, por se situar no centro da cidade do Porto.



Fig. 1 - Detalhe de uma fotografia pertencente a um catálogo da Fábrica de Cerâmica das Devesas, de cerca de 1889-1890 [coleção de Graciano Barbosa].

Porém, a fábrica nas Devesas também tinha o seu mostruário, além de, em certas ocasiões, abrir as suas portas para expor produtos novos ou de previsível maior impacto. Uma fotografia pertencente a um catálogo da Fábrica

de Cerâmica das Devesas, de cerca de 1889-1890, mostra-nos a fachada do edifício principal da fábrica, na Rua Conselheiro Veloso da Cruz: bem mais modesta do que aquela que chegou até aos nossos dias, mas já com silhares de azulejo de diferentes padrões, sob as janelas, mostrando a variedade de produção na área da azulejaria. A intencionalidade é notória, pelo facto de, sob uma das janelas, e quebrando a harmonia com os demais silhares, ter havido um painel com vários tipos de azulejo biselado, sem cercaduras.

Ao poente, na continuação deste edifício, dispunham-se várias estátuas, arabescos e globos, na platibanda e até mesmo num telhado, com claro propósito de publicitar este género de produtos.

Não podemos asseverar que outros edifícios da fábrica, nas Devesas, nomeadamente os do quarteirão sul, já antes de finais do século XIX ostentassem artefactos cerâmicos em jeito de mostruário. Porém, no extremo poente do quarteirão, fazendo esquina com a Rua Alexandre Braga, já por volta de 1889-1890 se situava a casa de habitação do próprio António Almeida da Costa, a qual ainda subsiste, embora algo alterada. António Almeida da Costa terá vindo residir para Vila Nova de Gaia para estar mais próximo da sua fábrica, ao passo que, na Rua do Laranjal, ficou a residir o sócio Feliciano Rodrigues da Rocha, passando talvez a assumir maiores responsabilidades na gestão da oficina de cantarias.

Apesar de não ser muito aparatosa em termos arquitectónicos, esta residência de António Almeida da Costa nas Devesas assumia uma decoração cerâmica impressiva e omnipresente, desde as paredes forradas com azulejaria de padrão, aos beirais e telhado ornamentados, assim como a uma entrada para o jardim, voltada para a Rua Alexandre Braga, encimada por estátua e orlada por vasos e pinhas. No fundo do logradouro da casa, voltada para o caminho de ferro, ainda hoje subsiste uma pérgola com estátuas a servir de cariátides.

OS MOSTRUÁRIOS NO PORTO

O facto da fábrica ter sido implantada junto à estação ferroviária das Devesas, por si só tornava o edifício fabril apetecível para a exposição de produtos, pois esta, durante muitos anos, foi a estação terminal que servia a cidade do Porto. Depois da construção da Ponte D. Maria Pia, as coisas alteraram-se um pouco, mas somente com a construção do túnel de acesso desde a estação de Campanhã ao que viria a ser a estação de S. Bento, é que a Fábrica de Cerâmica das Devesas se viu definitivamente arredada dos grandes fluxos de circulação e de paragem de pessoas, em especial das elites e da burguesia com algum poder aquisitivo. Terá sido este um dos principais factores que levou a sociedade António Almeida da Costa & Companhia a mandar construir um edifício de raiz, no centro do Porto, de modo a poder mostrar, de forma veemente, e esplendorosa, a capacidade da fábrica em produzir todo o tipo de ornamentação cerâmica, em ferro, e em pedra, para edifícios. Supomos que o próprio edifício da oficina de mármore da Rua do Laranjal já na altura não se coadunaria sequer com a escala que a fábrica havia atingido, até porque a oficina também executava muitos artefactos pétreos: seria certamente inviável encontrar espaço, nesse edifício do Laranjal, para o que a empresa pretendia. Foi assim que nasceu o impressionante edifício neo-árabe da Rua José Falcão.

Apesar de vulgarmente referenciado como o depósito da Fábrica de Cerâmica e de Fundação das Devesas, este edifício é apenas parte de um conjunto edificado mais complexo, pois o depósito de produtos e loja, salão de exposição, mostruário, e escritório, articulava-se através de um pátio com outro edifício, destinado às novas instalações da oficina de mármore, e que terá possuído também valência de habitação no piso superior, faceando a Rua da Conceição (QUEIROZ, 2014).

O pátio comum a este edifício e ao do depósito, funcionava como rótula entre os dois, de tal forma que, para um visitante aceder ao piso superior do depósito e ao seu deslumbrante salão principal, era forçado a passar pelo pátio e, conseqüentemente, ver o alçado lateral da oficina de mármore. Neste pátio, na varanda superior, do lado norte (pelo menos) ficava um mostruário formal de azulejaria (Fig. 2). Todo o conjunto do pátio e dos dois edifícios que para ele abriam, pela diversidade decorativa dos alçados, assumiam-se também como um mostruário informal.

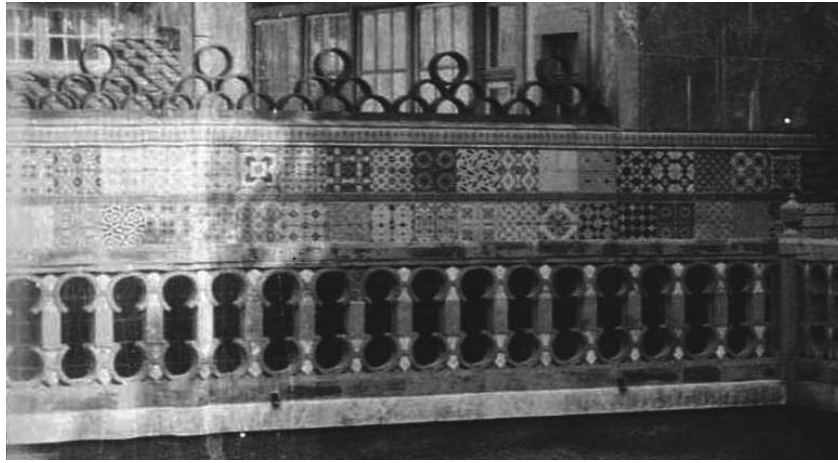


Fig. 2 - Mostruário no pátio dos edifícios do depósito e da oficina de mármore da Fábrica de Cerâmica das Devesas, num detalhe de uma fotografia de c. 1909-1910 [Centro Português de Fotografia, Fundo Alvão, cota: al001909].

O interior do edifício do depósito apresenta decoração cerâmica e de estuque propositadamente concebidas, de grande efeito plástico e originalidade. A respectiva fachada principal é seguramente uma das mais feéricas do país; numa linguagem revivalista mourisca que foi rara na época, sobretudo em enquadramento urbano, e com artefactos cerâmicos que presumivelmente não existem em mais nenhum lugar do mundo. É de destacar diversas peças de cerâmica arquitectónica com carácter experimental, nomeadamente na sacada central, em pilastras, e noutras partes; articulando-se com alguns revestimentos em pedra mármore, e ainda ferros artísticos, sendo isso patente no portão e, já no interior, nas colunas de ferro do antigo salão de exposições. Estas colunas foram produzidas na secção de fundição da Fábrica de Cerâmica das Devesas, aliás como saíram desta fábrica praticamente todos (se não mesmo todos) os materiais usados na construção do edifício, conferindo a ideia de uma empresa capaz de se construir a si própria, e, portanto, capaz de fornecer qualquer tipo de material de construção, decorativo, ou não. Porém, supomos que os azulejos da fachada do depósito, salvo os de padrão, não foram aqui colocados para apelar à encomenda de réplicas, pois eram demasiado espectaculares para poderem ser admitidos com solução de bom gosto numa qualquer construção, mesmo que luxuosa. Serviriam, supomos, como principal atractivo de um programa decorativo que mostrasse a elevada capacidade da fábrica em produzir, por encomenda, qualquer tipo de revestimento ou ornamento cerâmico para exterior, independentemente do grau de dificuldade na concepção e execução.

Aliás, a propósito da fachada principal do depósito da Fábrica de Cerâmica das Devesas, Joaquim de Vasconcelos referiu tratar-se de *“um mostruário de azulejos de relevo, policromos, em todas as dimensões e aplicações, em que predomina o estilo árabe e moçárabe e se nota grande perícia decorativa e «savoir faire» técnico”*, acrescentando: *“é sobretudo um mostruário de azulejos e de grandes placas decorativas de estilo árabe, sendo estas últimas uma novidade de efeito brilhante e de dimensões desusadas. Toda a frente da Rua D. Carlos [actual Rua José Falcão] é uma completa combinação cerâmica, pois apenas nas portas e janelas há um revestimento de mármore branco e tabuleiro de mármore preto raiado, rematando as linhas extremas, em toda a altura da vasta casa”* (Vasconcelos, 1907).

No interior do edifício do depósito, existem painéis de azulejo figurativo altamente invulgares. Supomos que se destinavam a reforçar o programa decorativo neo-árabe do edifício, e a ideia de uma fábrica versátil, ainda que pudessem servir como comprovativo da desenvoltura dos pintores que colaboravam com a fábrica, para cativar possíveis encomendadores interessados em azulejaria figurativa, numa época em que esta estava a ressurgir, até como forma dos proprietários dos edifícios mais distintos se demarcarem de uma classe média já capaz de adquirir azulejaria de padrão para revestir os seus modestos edifícios.

OS MOSTRUÁRIOS EM VILA NOVA DE GAIA

António Almeida da Costa continuou a residir em Vila Nova de Gaia até à sua morte, embora tenha depois mandado construir uma outra casa, também junto à fábrica, mas simbolicamente posicionada no topo de todo o complexo fabril, e já com características que nos permitem caracterizá-la como palacete. Ora, dois dos painéis do salão principal do edifício do depósito da fábrica, na Rua José Falcão, são registos muito interessantes do próprio palacete de António Almeida da Costa que, precisamente por esta época, promovia grandes reformas na fábrica e edifícios anexos, replicando certas soluções estéticas, de modo a criar uma certa identidade comum a todos os

edifícios relacionados com a fábrica. O revivalismo mourisco esteve quase sempre presente nestas reformas. Aquando deste processo de transformação estética dos edifícios ligados à fábrica, que ocorreu por volta de 1899-1901, estes passaram a ostentar numerosas peças cerâmicas saídas da mesma. De forma articulada, funcionavam como uma grande montra publicitária, pois, além de modelos de inspiração mourisca, mantinham-se peças de concepção mais antiga, e surgiam agora também os azulejos filiados na Arte Nova.



Fig. 3 - Mostruário formal da fábrica, no quartirão norte (foto de Francisco Queiroz, 2011).

Na viragem para o século XX, o edifício principal da fábrica, no seu quartirão norte, foi alteado e quase todos os ornamentos da fachada foram substituídos, embora mantendo-se a preocupação em mostrar a variedade de produção da fábrica - dos produtos novos aos que já eram produzidos há mais anos. Entrando-se pelo portão principal, podia ver-se diversas peças expostas junto à entrada do escritório, e as paredes deste espaço de recepção passaram a conter padrões de azulejo, aqui sim com uma disposição mais intencional de mostruário, até porque muitos deles estavam numerados. Por certo, permitiam aos clientes uma escolha mais rápida dos produtos desejados, ainda que o verdadeiro salão de exposições e venda se situasse no Porto.

88



Fig. 4 - Detalhe da numeração dos padrões, no mostruário formal da fábrica, no quartirão norte (foto de Francisco Queiroz, 2011).

No quartirão sul, nas paredes dos edifícios da fábrica que faceavam os edifícios do quartirão norte, foram também colocados diversos painéis, em modo de mostruário, alternando entre padrões de azulejo, cercaduras e azulejos biselados que simulavam cantaria, e painéis figurativos, alguns dos quais mostrando aspectos do interior da fábrica.

Hoje, pode ainda aqui ver-se alguns destes artefactos cerâmicos, sendo os mesmos sobejamente conhecidos². Os restantes, terão sido retirados, nomeadamente quando um incêndio destruiu parte do quarteirão sul da fábrica, em 1913 (PORTELA / QUEIROZ, 2008), o que levou depois à demolição dos pisos superiores de um dos edifícios deste quarteirão que ficava voltado para a Rua Conselheiro Veloso da Cruz. Ainda há poucos anos, numa dependência da Fábrica de Cerâmica das Devesas, existiam azulejos de um painel figurativo que terá sido retirado na sequência dessa demolição, azulejos esses que não pudemos reunir em quantidade suficiente para perceber o que representava o dito painel.



Fig. 5 – Detalhe de padrões de azulejo, no mostruário do muro do quarteirão sul (foto de Francisco Queiroz, 2008).

No quarteirão norte, além do já referido mostruário formal de azulejo, e das outras peças em faiança expostas à entrada, os vários edifícios, em diversos apontamentos, ostentavam também exemplos de artefactos cerâmicos produzidos na fábrica. Aliás, os muros do lado norte, ainda hoje apresentam diversos modelos de platibandas vazadas (Fig. 6).

Até as casas do bairro operário, a nascente do quarteirão sul, foram completamente revestidas de azulejos nas suas fachadas principais, sendo cada casa revestida com um padrão diferente, potenciando o seu efeito publicitário. Em outras partes do complexo fabril, subsistem soluções decorativas que, pelo modo como se apresentam, denotam alguma intenção publicitária, pela divulgação dos vários modelos em contexto arquitectónico. Ainda que em alguns locais não visíveis ao público – como numa parede interior de um dos edifícios subsistentes no quarteirão sul, ou na escada de acesso ao piso superior do edifício da oficina de mármore da Rua da Conceição – se possa questionar a intencionalidade das aplicações cerâmicas decorativas e se possa pensar antes no uso pragmático de possíveis sobras, o que é certo é que, na maior parte dos casos, a intencionalidade é muito clara.



Fig. 6 – Modelos para platibandas, num muro do quarteirão norte (foto de Francisco Queiroz, 2008).

² Toda a decoração cerâmica dos edifícios da Fábrica de Cerâmica das Devesas que ainda subsistem, incluindo alguns edifícios correlacionados não mencionados nesta comunicação, encontra-se inventariada e descrita em fichas que co-elaborámos, no âmbito do projecto mencionado na nota anterior.

O MOSTRUÁRIO DA PAMPILHOSA

António Almeida da Costa gizou um eficaz sistema de escoamento dos produtos, através da instalação, da fábrica-mãe e de uma sucursal, junto a importantes estações de caminho de ferro: a primeira, junto à Estação das Devesas, e a segunda junto à Estação da Pampilhosa, que ainda hoje é o entroncamento com a linha da Beira Alta. A obtenção de matérias primas para a fábrica baseou-se, em muito, no transporte ferroviário, já que a sucursal na Pampilhosa do Botão era também uma estrutura de apoio à recolha de barro. Porém, o barro vermelho da Pampilhosa era sobretudo apropriado para olarias, nomeadamente para a produção de telha e ornatos para telhado. Por conseguinte, a sucursal da Fábrica de Cerâmica das Devesas na Pampilhosa especializou-se neste tipo de produção.

Também por volta de 1900-1901, foi feita uma reforma nos edifícios desta fábrica sucursal, com a construção de um extenso edifício composto por corpo central, alas e seus torreões, mesmo à face da linha ferroviária, e cuja fachada servia de mostruário informal, não apenas de diferentes modelos de platibandas vazadas em barro vermelho, dispostas na parte inferior dos vãos que não serviam para carregar os vagões, mas também de azulejaria e outros ornatos, como globos ou pingentes de beiral.

Apesar disso, logo à entrada do edifício da sucursal, no acesso ao escritório, foi colocado um mostruário formal de azulejos. Embora não incluía numeração dos padrões, estes apresentam-se com uma ordem cuidada, denotando intenção em permitir a escolha fácil a quem ali se deslocasse – o que poderia ser feito rapidamente por qualquer utilizador da estação ferroviária, bastando atravessar a linha.



Fig. 7 – Detalhe do mostruário de azulejo da sucursal da Pampilhosa (foto de Francisco Queiroz, anterior a 2005).

António Almeida da Costa implementou uma vasta rede de depósitos pelo país, estendendo a sua teia ao Rio de Janeiro, e colocando, à frente destes depósitos, pessoas da sua confiança, como no caso do depósito em Lisboa, entregue ao escultor João Carlos da Fonseca, filho do mestre cerâmico João José da Fonseca (PORTELA / QUEIROZ, 2008). Este facto leva-nos a supor que também no depósito lisboeta, então situado na Rua Vasco da Gama, n.º 62-66, houvesse um mostruário de azulejos, além de exemplares de muitas peças produzidas pela fábrica, ali expostas para venda. Infelizmente, o edifício já não existe, pelo que esta questão do eventual mostruário no depósito de Lisboa fica, por enquanto, sem resposta.

CONCLUSÃO

No início do século XX, Joaquim de Vasconcelos afirmou algo que hoje nos parece evidente: as *“mil variedades de peças em material refractário de primeira ordem, que estão aplicados nos edifícios da vasta fábrica, nas dependências dela, em numerosas habitações económicas para operários, que a rodeiam e até na actual residência do dono, um palacete acastelado de pitoresco aspecto – atestam que não há problema constructivo ou decorativo que a fábrica das Devesas não seja capaz de resolver com o barro”* (Vasconcelos, 1907).

Infelizmente, ao longo dos últimos vinte anos, os vários edifícios que mencionamos neste texto enfrentaram várias vicissitudes. Uns foram parcialmente alterados ou descontextualizados. Outros, ruíram. Outros ainda, foram parcialmente mutilados ou demolidos por alegadas razões de segurança. A ornamentação cerâmica subsistente nos que ainda estão total ou parcialmente de pé, é de uma variedade muito grande: azulejos biselados para revestimento imitando cantaria ou tijolo; azulejos de padrão a destacar e a dignificar os vãos; azulejos figurativos e de padrão aplicados nos muros, em jeito de mostruário; e muitos outros artefactos cerâmicos invulgares, de revestimento e de remate; denotando um particular interesse, por parte da administração da Fábrica de Cerâmica

das Devesas, em mostrar a todos a sua variedade de produção. Trata-se, provavelmente, do conjunto mais diversificado de artefactos cerâmicos do período de c. 1890-1910, em Portugal, com fins publicitários. Muitos destes artefactos estão, infelizmente, bastante degradados e alguns não se encontram sequer protegidos por um enquadramento legal específico. Ainda assim, vão teimando em perpetuar a memória de uma das mais importantes fábricas de cerâmica portuguesas - senão mesmo a mais importante.

FONTES E REFERÊNCIAS

- CAETANO, Lucília. A Pampilhosa e a indústria. Ecos de uma união feliz... mas efémera. In: *Pampilhosa, uma terra e um povo*. Pampilhosa do Botão: n.º 10, 1991, p. 37-57.
- Catálogo da Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devesas*. António Almeida da Costa & Ca., Vila Nova de Gaya, Portugal. Vila Nova de Gaia: Real Typ. Lith. Lusitana, 1910.
- Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devesas, com succursal no Entroncamento da Pampilhosa*, de António Almeida da Costa & Ca. *Catálogo de artefactos de barro, fosco e vidrado, material para construções, gesso, cal, areia e cimento, especialidade em mosaico hydraulico, fundição em ferro e bronze e obras de ferro forjado*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira, s.d. [c. 1905-1908].
- CORDEIRO, José Manuel Lopes. As fábricas portuenses e a produção de azulejos de fachada (séculos XIX-XX). In: *Azulejos no Porto, Catálogo da exposição temporária realizada no Mercado Ferreira Borges, entre 10 de Outubro de 1996 e 5 de Janeiro de 1997*. Porto: Edições ASA, 1996, s/p.
- DOMINGUES, Ana Margarida Portela. *António Almeida da Costa e a Fábrica de Cerâmica das Devesas. Antecedentes, fundação e maturação de um complexo de artes industriais (1858-1888)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 2003.
- DOMINGUES, Ana Margarida Portela. *A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 2009.
- EVA, Carla. O comboio. Viagem da Pampilhosa no comboio do progresso e do sonho. In: *Pampilhosa, uma terra e um povo*. Pampilhosa do Botão: n.º 12, 1994, p. 63-79.
- Fábrica de Cerâmica da Pampilhosa*, Mourão Teixeira Lopes & C.ª. S.l.: s.n., s.d.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes. *Pampilhosa, oito séculos de história*. Coimbra: 1986.
- MENDES, José Maria Amado. Cerâmica e Património Industrial - o caso da Pampilhosa. In: *Pampilhosa, uma terra e um povo*. Pampilhosa do Botão: n.º 10, 1991, p. 59-76.
- PORTELA, Ana Margarida. QUEIROZ, Francisco. A Fábrica das Devesas e o Património Industrial Cerâmico de Vila Nova de Gaia. Famalicão: 2008 [separata de *Arqueologia Industrial*, 4ª Série, Vol. IV, n.º 1-2].
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira. TEIXEIRA, José Guilherme Brochado. Os mostruários da Fábrica de Santo António do Vale da Piedade. In: *Actas do II Congresso "O Porto Romântico"* (Porto, Escola das Artes da Universidade Católica, Abril de 2014), a publicar.
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira. Os edifícios portuenses da Fábrica de Cerâmica das Devesas. In: *Actas do II Congresso "O Porto Romântico"* (Porto, Escola das Artes da Universidade Católica, Abril de 2014), a publicar.
- QUEIROZ, José. *Cerâmica portuguesa e outros estudos* [1907]. Organização, apresentação, notas e adenda iconográfica de José Manuel Garcia e Orlando da Rocha Pinto. Lisboa: Presença, 3ª edição, 1987.
- VASCONCELOS, Joaquim de. A cerâmica portuguesa e sua aplicação decorativa [1907], p. 3-37. In: *PROSTES*, Pedro. *Indústria de cerâmica*. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Aillaud e Bertrand, 2ª edição, p. 39-247.

AGRADECIMENTOS

Ana Margarida Portela Domingues; Rosário Salema de Carvalho e Isabel Pires (Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); Graciano Barbosa; Maria Isabel Moura Ferreira (Atelier de Conservação e Restauro de Azulejos da Câmara Municipal de Ovar); Casa-Museu Teixeira Lopes; Centro Português de Fotografia; GEDEPA - Grupo Etnográfico Defesa do Património e Ambiente da Região de Pampilhosa.

CURRÍCULO DO AUTOR

Doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador Principal da linha "Heritage, Culture and Tourism" do CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Professor do Mestrado Integrado em Arquitectura da Escola Superior Artística do Porto. Autor de estudos nas áreas da História da Arte, da História Local, da História da Família, da História da Arquitectura e Urbanismo, da Reabilitação Urbana e do Património em geral.

Contacto: correio@franciscoqueiroz.com